

“Um hino de amor para o mundo.”

— ELIZABETH GILBERT,
autora de *Comer, rezar, amar*

A MARAVILHOSA TRAMA DAS COISAS



Sabedoria indígena, conhecimento científico
e os ensinamentos das plantas

ROBIN WALL KIMMERER



A
MARAVILHOSA
TRAMA DAS COISAS

Sabedoria indígena, conhecimento científico
e os ensinamentos das plantas

ROBIN WALL KIMMERER

Tradução de Maria de Fátima Oliva Do Coutto



Copyright do texto © 2013 by Robin Wall Kimmerer
Copyright da introdução © 2020 by Robin Wall Kimmerer
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida, sob quaisquer meios
existentes, sem a autorização por escrito da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Braiding Sweetgrass: Indigenous Wisdom, Scientific Knowledge,
and the Teachings of Plants

COPIDESQUE

Vivien Gonzaga e Silva

PREPARAÇÃO

Fábio Gabriel Martins

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Iuri Pavan

Lorrane Fortunato

Thais Entriel

LEITURA SENSÍVEL

Mayra Sigwalt

DESIGN DE CAPA

Mary Austin Speaker

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

K62m

Kimmerer, Robin Wall, 1953-

A maravilhosa trama das coisas : sabedoria indígena, conhecimento científico e os ensinamentos das plantas / Robin Wall Kimmerer ; tradução Maria de Fátima Oliva do Coutto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
416 p. ; 23 cm.

Tradução de: Braiding sweetgrass: indigenous wisdom, scientific knowledge, and the teachings of plants.

ISBN 978-65-5560-411-5

1. Filosofia indiana. 2. Etnoecologia. 3. Filosofia da natureza. 4. Ecologia Humana – Filosofia. 5. Botânica – Filosofia. 6. Índios Potawatomi - Biografia. 7. Índios Potawatomi - Vida social e costumes. I. Coutto, Maria de Fátima Oliva do. II. Título.

23-82264

CDD: 305.8

CDU: 633.88(=1-82)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6ª andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para todos os Guardiões do Fogo
meus pais
minhas filhas
e meus netos,
que ainda se juntarão a nós neste lugar maravilhoso

Sumário

Introdução	9
Prefácio	19
Plantar a erva ancestral	
Ataensic, a mulher que caiu do céu	23
O conselho das Nozes-Pecãs	31
O presente dos Morangos	43
Uma oferenda	54
Ásteres e varas-de-ouro	59
Aprender a gramática da animação	68
Cuidar da erva ancestral	
Lua de Açúcar de Bordo	81
Witch Hazel, ou Hamamélis	90
Deveres maternos	100
O consolo dos nenúfares	116
Discurso de Gratidão	123
Colher a erva ancestral	
Epifania das favas	137
As Três Irmãs	144
<i>Wisgaak gokpenagen</i> : o cesto de freixo-negro	157

<i>Mishkos kenomagwen: os ensinamentos da erva</i>	172
Nação Bordo: guia de cidadania	183
A Honorável Colheita	191
Trançar a erva ancestral	
Seguindo os rastros de Nanabozho: tornar-se originário no lugar	219
O som das halésias	230
Sentados em círculo	238
Queimada em Cascade Head	256
Fincar raízes	269
<i>Umbilicaria: o umbigo do mundo</i>	282
Filhos das florestas primárias	291
Testemunha da chuva	307
Queimar a erva ancestral	
Pegadas do Windigo	317
O Sagrado e o Superfund	324
Povo do Milho, Povo da Luz	355
Dano colateral	362
<i>Shkitagen: Povo do Sétimo Fogo</i>	374
Derrotar o Windigo	388
Epílogo: Retribuir as dádivas	395
Uma nota quanto ao tratamento dos nomes das plantas	401
Uma nota quanto ao tratamento das línguas indígenas	403
Uma nota a respeito das histórias indígenas	405
Bibliografia	407
Agradecimentos	409

Introdução

A *wiingaashk* acaba de florescer à margem do meu lago, a primeira erva a brotar e, portanto, a marcar sua presença no emaranhado de palha meio marrom devido ao inverno. A panícula aberta é uma flecha constelada, com estames e pistilos emplumados, que balança sob a brisa. Ao me agachar no solo úmido para examinar melhor, cada florzinha tem a extremidade bordô e cor de cobre e reluz um brilho metálico, até reflete bem mais do que seria exigido de uma flor que não atrai abelhas, mas apenas o vento. É como se quisesse ser notada, elevando uma flor, tal uma bandeira, diante do imenso pasto verde da campina que a engole, para que não nos esqueçamos desse lugar quando chegar a hora de colher as compridas lâminas reluzentes, em meados do verão, e tendo apenas uma leve fragrância a nos guiar.

Essa erva ancestral não apareceu aqui do nada; eu a plantei há muitos anos e me sinto grata ao ver como se alastrou. Apesar das flores elegantes, a *wiingaashk* não se dissemina através de sementes transportadas pelo vento, mas por rizomas, finos tentáculos de caules subterrâneos que serpenteiam pelo solo, invisíveis até começarem a se erguer e, então, florescem. Raras vezes são predominantes nas campinas; pelo contrário, aproximam-se de modo lento e persistente, a fim de brotar ao lado de outras plantas maiores. Elas me encantam por sua subversiva infiltração *in statu quo*; por conta própria, encontram seu caminho e se instalam em novos lugares, onde seu brilho e fragrância

sedutora acenam e nos atraem até o limite da consciência, como a lembrança de algo que um dia conhecemos e gostaríamos de reencontrar. Seu discreto movimento nos detém, nos convida a diminuir o ritmo e admirar a pradaria com um novo olhar. Veja o que está a sua espera: basta apenas prestar atenção. Ao me ajoelhar, é impossível evitar o suspiro de reconhecimento pela dádiva que ali sempre esteve presente.

De maneira análoga, esse também tem sido o caminho percorrido por *A maravilhosa trama das coisas*, como se as histórias no livro personificassem os ensinamentos do que o inspirou. Pouco a pouco, o livro foi se alastrando por baixo da superfície, como uma rede de rizomas, a princípio despercebida, até que, como no terreno à beira do meu lago, eu o visse florescer por todos os lados. Estou imersa em gratidão pela disseminação da mensagem que o livro transmite, por sua fragrância e seu brilho.

Desde tempos imemoriais, nós, a espécie humana, aceleramos o movimento da *wiingaashk* por toda a Ilha da Tartaruga (como muitos povos locais chamam a região da América do Norte) ao trazê-la para viver a nosso lado e compartilhar com amigos. É assim que essa erva ancestral se propaga melhor: quando a carregamos conosco. Foi assim, também, que este livro traçou seu caminho pelo mundo, não pela dispersão das sementes, mas por uma amorosa passagem de mão em mão. Esta linda edição celebra todas essas mãos.

A Milkweed Editions, editora original de *A maravilhosa trama das coisas*, relata que pequenas livrarias presentearam seus clientes com o livro, os quais acabaram voltando em busca de mais exemplares para compartilhar com amigos. Leitores davam seus livros para outras pessoas, dizendo: “Acho que você precisa ler isso”, como se entregassem um manifesto de amor ao mundo.

Queria poder compartilhar todas as histórias que foram partilhadas comigo: casais que se cortejaram copiando passagens para seus amados, seguidos por votos de casamento inspirados por líquens; uma filha que todas as noites lia capítulos ao telefone para seu pai, cego, do outro lado do país; bebês que foram batizados de Hazel; bicicletas apelidadas de *wiingaashk*; declamações do Discurso de Gratidão em refeições nos feriados; manifestos de protesto; testemunhos no Tribunal da Terra. Várias pessoas me enviaram fotos nas quais o livro lhes fazia companhia: numa canoa no rio Amazonas, no alto de uma montanha, num trem rumo à Noruega, num leito de hospital, num fardo de feno no celeiro, um marco na quarentena. Curvo-me em agradecimento diante da solicitação de uma idosa, numa casa de repouso, de que as últimas

palavras que ela ouvisse tivessem o perfume de morangos-silvestres. Essas histórias são dádivas para o espírito do escritor, e sou muito grata a todos vocês.

Todos têm um desejo secreto, suponho, um desejo latente por algum tipo de superpoder ou outra vida que poderia ter sido sua. Sei que não devemos cobiçar os cloroplastos do próximo, mas devo confessar minha incontável inveja da clorofila. Ainda sou fiel ao que escrevi há anos: “Às vezes, eu gostaria de ser capaz de fazer fotossíntese para que, só de existir, só de tremeluzir às margens da planície ou flutuar preguiçosamente em um lago, eu pudesse realizar o trabalho do mundo. Bastaria ficar ali de pé e em silêncio sob o sol.”

Na ausência de cloroplastos, escrever é o mais perto dessa alquimia que sou capaz de chegar.

Uma folha, banhada pela luz, com estômatos escancarados para a lufada de ar, não difere da escritora em profunda reflexão no escuro, a mente escancarada para tufo de pensamentos tão amorfos quanto a atmosfera. Ambas estamos peneirando e separando infinitos fluxos de materiais tão onipresentes que se tornam invisíveis, moléculas singulares com as quais é possível criar vida.

Fico maravilhada com as turbinas de folhas verdes reluzentes que transformam ar e água em blocos de açúcar, como letras rodopiando e se transformando em palavras que podem ser unidas e reunidas, a ponto de traduzir qualquer coisa que se possa imaginar. Ah, se eu pudesse apenas transformar uma ideia em tinta, do mesmo modo como elas geram substâncias a partir da luz, o material inorgânico comum em moléculas de palavras orgânicas que energizam o desabrochar da vida; flores para seduzir, raízes para conectar, frutos para alimentar, sementes para resistir, seivas para curar a pele e aromas para recuperar toda a memória — tudo da luz e do ar transformado em açúcar.

Um dia, quando eu for um narciso, serei capaz de realizar fotossíntese. É algo que aguardo esperançosa.

Em circunstâncias assim, inevitavelmente indagam aos escritores: “Por que você escreveu esse livro?” Essa pergunta me paralisou. Eu deveria ter uma resposta erudita, mas a verdade é que o escrevi porque não consegui me conter. Havia histórias de plantas pedindo que fossem contadas, e elas forçaram o caminho, romperam a terra, percorreram meu braço com a força motriz do lírio-do-bosque em busca do sol. Coube a mim a honra e a responsabilidade de segurar a caneta. Sou profundamente grata pelo privilégio de transmitir

a mensagem das plantas e, com isso, lhes permitir desempenhar sua missão. Escrevo baseada na crença de que as plantas são medicinais. Possam, assim, suas histórias nos trazer a cura.

O cantor Laurence Cole compôs músicas a partir de *A maravilhosa trama das coisas*. Uma delas, um canto hipnótico: “Um grande anseio paira sobre nós, o de viver de novo em um mundo feito de dádivas.”* Esse anseio foi o que impulsionou este livro. Escrevi *A maravilhosa trama das coisas* em resposta ao anseio presente nas comunidades indígenas de que nossa filosofia e nossas práticas sejam reconhecidas como guias para nos conduzir de volta ao caminho da vida. Escrevi em resposta ao anseio dos colonizadores, atormentados pelo grande número de injustiças e por viverem em terras roubadas, de encontrar o caminho do pertencimento. Ouvi os anseios da própria Terra espezinhada, que pede para ser amada e honrada de novo. Ouvi o anseio dos groux-canadenses, dos tordos-dos-bosques e das íris-aquáticas, cujo único desejo é viver. Escrevi movida pelo sentimento de reciprocidade em relação aos ensinamentos Anishinaabe, compartilhados comigo por algumas pessoas e plantas. Aprendemos que o motivo de nossos ancestrais se agarrarem a esses ensinamentos que os colonizadores tentaram apagar — é que um dia eles viriam a ser necessários a todos os seres. Aqui, na hora do Sétimo Fogo, na era da Sexta Extinção, do caos climático, da desconexão e da desonra, acredito ter chegado o momento.

Arelada ao impulso de compartilhar, surge a missão de proteger. Com excessiva frequência, os abdutores se apropriaram dos conhecimentos indígenas; assim, o dom do conhecimento deve estar firmemente associado à responsabilidade de detenção desses conhecimentos. A sabedoria indígena poderia servir como tratamento contra a destruição de nosso relacionamento com nossa terra; a obrigação moral de compartilhar a cura deveria, então, ser acompanhada de uma prescrição para evitar seu uso indevido. Ela é sempre bem-vinda para inspirar uma autêntica revitalização do relacionamento com a terra, sem tirá-la de ninguém, mas, sim, encontrando e respeitando raízes já existentes e lembrando como cultivar as suas.

Escrevi com a intenção de fornecer um antídoto para o que os biólogos conservacionistas cunharam de “cegueira botânica”, ou seja, para a ausência

* Laurence Cole: “A great longing is upon us.” Disponível em: <www.laurencecole.com/album/a-great-longing-is-upon-us/>. [N. da E.]

de conscientização coletiva quanto à importância das plantas para o funcionamento do ecossistema, e a consequente deficiência das políticas públicas, do conhecimento científico e a falta de apoio financeiro para a preservação das plantas. A cegueira botânica e seu correspondente, a solidão das espécies, impedem o reconhecimento do mundo verde como um jardim de dádivas. O ciclo flui transformando a atenção em dádiva, em gratidão e reciprocidade. E começa pelo reconhecimento.

Escrevi movida pelo sentimento de reciprocidade. Possa eu, em troca do privilégio de passar minha vida pessoal e profissional escutando as plantas, compartilhar seus ensinamentos com quem nem sequer sabia que elas tinham algo a dizer.

Lewis Hyde, autor do livro *The Gift*, tão importante para mim, explica como a arte, vista como dom, se comporta como aquele tipo de música em que na letra há um diálogo entre duas partes. Um dos elementos das canções tradicionais Potawatomi capazes de fazer meu coração acelerar é a estrutura na qual um líder canta uma frase da música em meio ao silêncio e é atendido por outras vozes, em resposta, que repetem a frase, agora de modo assertivo, retornando, em seguida, para o líder, que lhes lança uma nova frase. Esse esquema se repete e continua até todos estarem cantando. Assim como uma tempestade, que começa com o primeiro tamborilar e se transforma em temporal, com todos molhados e dançando na chuva ao som dos trovões. Para mim, parece uma voz solitária que descobre não estar sozinha. Diversos leitores usaram as mesmas palavras: “Achei que fosse o único a amar a terra dessa maneira.” Assim, vivenciei a resposta a *A maravilhosa trama das coisas* — juntos formamos um coro.

Passei a compreender a contínua tarefa de *A maravilhosa trama das coisas* nesse diálogo, um chamado que se eleva de um anseio compartilhado e uma resposta que cresce em um coro de retorno a nossas origens. Incontáveis leitores contaram suas histórias de memórias enterradas sob o barulho do mundo, pela mercantilização da natureza, por se esquecerem de que também são algo bom para a terra. As pessoas estão se lembrando de outras maneiras de estar no mundo, em irmandade. Querem se lembrar de seus dons e de como os ofertar ao mundo. Quem sabe as plantas nos ajudem a lembrar.

A maravilhosa trama das coisas nos convida a realizar o *minidewak*, uma oferenda à Mãe Natureza, a estender nossa manta e enchê-la de presentes feitos por nós, em retribuição a tudo o que nos foi dado, em compensação por tudo o que tomamos. A resposta a esse convite tem sido um derramar de presentes recíprocos, de arte, de música e de ciência em favor da terra. Eu poderia lotar páginas de louvor por esses gestos de reciprocidade, mas só posso mencionar alguns, para inspirá-los a acrescentar os seus.

Por exemplo, músicas extraordinárias brotaram de *A maravilhosa trama das coisas*: o oboé de Sarah Fraker toca, num gesto de reciprocidade, em respeito pela árvore da qual foi confeccionado; vários cantores interpretam a canção em homenagem aos líquens, a partir do chamado de Laurence Cole; e, no hino do povo Cree, de Cheryl L'Hirondelle, os pássaros, a água e o povo cantam, todos juntos, selando a promessa de cuidar das plantas. Fazemos um coro e tanto.

Fiquei honrada com as inesperadas artes, pôsteres, mandalas, tecidos, esculturas. Uma estampa tricotada, uma receita de pão, filmes, podcasts, uma dança criada em homenagem às varas-de-ouro e aos ásteres, tudo isso serve de exemplo de quanto o poder da dádiva brota a cada oferenda, quando não há a intenção de guardar as dádivas, mas, sim, de compartilhá-las.

E minha profunda reverência aos professores que prepararam os “currículos da erva ancestral”, de pré-escolas florestais a cursos universitários. Um professor de biologia do ensino médio que baseia suas aulas no Discurso de Gratidão, o curso de MBA que elabora um plano de negócios centrado na Honrável Colheita, o professor de teologia que desafia seus alunos a escreverem novas liturgias para a Terra. E se restarem dúvidas quanto ao poder que essas histórias têm de mudar o mundo, lembrem-se de que os administradores da reserva de Cascade Head, no Óregon, reintroduziram a terapia de cura pelo fogo naquela paisagem sagrada. Eles têm plena consciência de que sua importante ciência de restauração foi impulsionada pelo imperativo de uma história ancestral.

Todas essas ações renovam minha fé na possibilidade de viver num mundo baseado na reciprocidade. Unidos podemos mudar o mundo. Traçamos uma comunidade de erva ancestral, despertamos em todos a consciência de não estarmos sozinhos. A força dessa comunidade tem o poder de ativar as mudanças, e nossos rizomas coletivos estão se espalhando.

Comecei a escrever *A maravilhosa trama das coisas* numa época, ao que parece — considerando-se a pandemia global e as instabilidades por ela geradas —, mais inocente, quando a catástrofe climática não passava de uma incandescência no horizonte. Sentíamos o cheiro da fumaça, mas nossas casas ainda não haviam sido consumidas pelas chamas. Havia um cauteloso otimismo em relação a uma liderança preocupada com a mudança climática, com a justiça para a terra e para os seres, humanos ou não.

Desde então, muita coisa aconteceu no que tange à crise climática, quando os malignos Windigos assumiram o poder político, provocaram dor e infligiram feridas. Não preciso dizer mais nada. Essa evidência pode sugerir que as histórias das plantas dotadas de poderes curativos não funcionaram muito a contento para curar nossa relação com a terra e nem mesmo entre nós. Os poderosos provedores da destruição ainda estão no poder, os céus se cobrem de sombras. Como sempre, porém, escuto a orientação das florestas, que nos ensinam a respeito da mudança. As forças da criação e da destruição estão de tal modo entrelaçadas que, por vezes, é impossível dizer onde uma termina e a outra começa. As árvores longevas, com copas mais altas e que formam um dossel nas florestas, podem dominar a mata por gerações e definir as condições ecológicas para o próprio desenvolvimento, enquanto suprimem o de outras, explorando todos os recursos com sua egoística dominância. Entretanto, nesse ínterim, elas preparam o terreno para o que está por acontecer, e algo sempre acontece, ainda mais poderoso do que elas: um incêndio, um vendaval, uma doença. Por fim, um dia, a antiga floresta é destruída e substituída por uma vegetação mais baixa, pelo banco de sementes ali enterrado, à espera desse momento de transformação e renovação. Todo um novo ecossistema nasce para substituir o que não mais funciona num mundo modificado. *A maravilhosa trama das coisas*, espero, faz parte dessa nova vegetação, semeada por muitos pensadores e executores e suprimindo o banco de sementes com diversas espécies, para que, quando o dossel desmoronar, o que decerto ocorrerá, um novo mundo já esteja prestes a nascer. O “novo” e o antigo, com suas origens na cosmovisão indígena, conviverão em relação justa entre terra e pessoas. Tudo o que o “grande dossel” do colonialismo tentou suprimir pouco a pouco está vindo à tona. É o tempo profetizado pelo Sétimo Fogo, um tempo secreto no qual as lembranças do coletivo

transformam o mundo. A era escura e a era inundada pela luz. Então, nos lembramos de palavras de resiliência e muitas vezes repetidas: “Eles tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes.”

É como se pudéssemos vislumbrar, pouco a pouco despontando no horizonte, o mundo no qual desejamos viver; a questão é saber como chegaremos lá. Essa é uma questão familiar à *wiingaashk*, impossibilitada de deixar um lugar e viajar para outro melhor por intermédio de sementes. Ki* confia nos seres humanos para transportar os rizomas, aqueles que podem com facilidade cruzar distâncias e fronteiras, cientes de que não importa o que desejem ver do outro lado dessa crise ecológica e cultural, deve ser passado de mão em mão com muito amor.

A mítica história de Ataensic, a mulher que caiu do céu, é a força vital de *A maravilhosa trama das coisas*, significando tanto uma abertura como um fechamento, englobando as histórias ocorridas nesse espaço de tempo. A versão compartilhada na primeira edição é a mais completa narrativa do épico, mas não a única. Em todas, há sempre o Rato-almiscarado mergulhador e a terra nas costas da Tartaruga. O resgate pelos gansos e as oferendas dos animais são uma constante, assim como as sementes trazidas por Ataensic, iniciando o pacto de reciprocidade entre os humanos recém-chegados e nossos parentes ancestrais.

O que varia de uma história para outra é apenas a maneira como Ataensic cai de um mundo para outro. A versão mais divulgada diz que ela escorrega, a terra cede na borda do buraco no céu, onde existe a grande Árvore da Vida. É um acidente, com consequências míticas, e assim começa a história. Contudo, em outras narrativas, nenhum acidente ocorre. Numa das versões, ela foi empurrada; em outra, atirada — não por maldade, mas por sua presença ser imprescindível para a missão sagrada. Ataensic precisou de uma “ajudinha” para deixar seu adorado lar e se mudar para outro. Em todas as versões que ouvi, ela foi uma viajante acidental e, possivelmente, relutava em ir para outro mundo, como uma semente levada pelo vento.

Quando vejo as mulheres fortes que conheço, tanto indígenas quanto recém-chegadas, sobreviventes e guerreiras, professoras, artistas, fazendeiras, cantoras, curandeiras, mães, *nokos*, tias, filhas e irmãs dedicadas a manter as famílias e comunidades unidas e a abrir caminho para um novo mundo,

* Pronome que significa um ser vivo da Terra.

custo a aceitar nossa Ataensic como uma emissária passiva e inconsciente. Não consigo. Posso vê-la parada na borda do buraco no céu, sua barriga semeada com vida nova, olhando para a escuridão lá embaixo. Guiada pelo ofuscante raio de luz que cintila através da abertura, ela vislumbra o mundo à espera das sementes que carrega, arrancadas da *Árvore da Vida*. Com toda a humildade e todo o respeito pelos ensinamentos dessa história sagrada, não posso evitar que minha imaginação, no ciclo do tempo, divague sobre esse momento. E se ela abre os braços, determinada, olha para trás, sente a criança se mexer em seu ventre e, então... E se ela pula?

Ela é uma mulher imbuída do dever de salvar a vida. Exatamente como todas as mulheres que, ao longo de toda a nossa dolorosa história, carregam a vida em tempos de privação e doença, em longas peregrinações, escondem crianças para evitar que sejam enviadas a internatos e acolhem as que regressam, lutam contra oleodutos, protegem a água, guardam as sementes, aprendem a língua, realizam cerimônias, honram a terra... As descendentes de Ataensic não são mulheres que recuam diante do abismo, caso isso significasse proteger a vida.

Como sociedade, estamos no limite, e sabemos disso. Podemos olhar pelo buraco aberto a nossos pés e ver um planeta cintilante, azul e verde, como se observado da perspectiva do espaço, vibrando com o canto dos pássaros, com sapos e tigres. Poderíamos abrir os olhos, continuar a respirar o ar envenenado, testemunhar a extinção de nossos parentes e determinar nosso valor baseados no quanto suportamos. Poderíamos tapar nossos ouvidos, indiferentes a nosso conhecimento, recuar da borda e nos afastar da cinzenta degradação.

Nessa época de transformação, na qual a criação e a destruição se enfrentam como os míticos netos de Ataensic, que disputaram numa partida o futuro da Terra, do que precisaríamos para seguir a mulher que caiu do céu? Para saltar para o novo mundo, ajudar em sua criação? Pulamos ao observar o implacável sofrimento que caminha em nossa direção, fazendo isso em função do medo e do presságio? Ou talvez possamos olhar para baixo e, atraídos pelo verde resplandecente, ouvir a canção dos pássaros, sentir o perfume da erva ancestral e, desejar fazer parte de uma história diferente. De uma história pela qual ansiamos, história da qual começamos a nos lembrar, história que se lembra de nós.

O que é preciso para abandonar o que não funciona e assumir os riscos da incerteza? Precisaremos de coragem, precisaremos segurar as mãos uns dos

outros e torcer para os gansos nos segurarem. Cantar ajudaria. O pouso pode não ser suave, mas a terra contém muitas curas. Impulsionados pelo amor, prontos para o trabalho, podemos saltar na direção do mundo que queremos ajudar a criar, com os bolsos cheios de sementes. E de rizomas.

Prefácio

Estenda as mãos e deixe que nelas eu deposite um maço de erva ancestral recém-colhida, solta e esvoaçante como o cabelo recém-lavado. A parte superior é de um verde dourado e lustroso, as hastes, onde se unem ao solo, são roxas e brancas. Aproxime-o do nariz. Descubra a fragrância de baunilha e mel que se destaca do cheiro da água do rio e da terra escura e compreenderá seu nome científico: *Hierochloe odorata*, cujo significado é erva sagrada e perfumada. Em nossa língua, a planta é chamada de *wiingaashk*, o cheiro doce do cabelo da Mãe Natureza. Inspire seu perfume e começará a se lembrar de coisas que sequer sabia estarem esquecidas.

Um maço de erva ancestral, dobrado na ponta e dividido em três partes, está pronto para ser trançado. Ao trançar a *wiingaashk* — de modo que fique macia, sedosa e justifique ser oferecida de presente —, é necessário imprimir certa carga de tensão. Como qualquer menininha com a trança bem apertada lhe dirá, é preciso um pouco de força. Claro, podemos trançá-la a sós — basta prender uma extremidade numa cadeira ou segurá-la com os dentes, e, então, iniciar a trança a partir do ponto de apoio e ir se distanciando —, mas o ideal é que se faça com outra pessoa, para que possam ir trançando juntas, aproximando-se, curvadas, a cabeça próxima uma da outra, conversando e rindo, observando as mãos uma da outra, e, enquanto uma segura firme, a outra passa as mechas finas para a outra, uma de cada vez. Unidas pela erva

ancestral, a reciprocidade reina entre vocês; unidas pela erva ancestral, quem segura é tão essencial quanto quem trança. A trança vai ficando mais delicada e fina ao se aproximar da ponta, até estarem trançando lâminas individuais da erva, e então a amarram.

Pode segurar a ponta enquanto eu tranço? Com as mãos unidas pela erva, podemos inclinar nossa cabeça e fazer uma trança em homenagem à terra? E depois eu a segurarei, enquanto você também faz uma trança.

Eu poderia entregar-lhe uma trança de erva ancestral tão grossa e reluzente quanto a que descia pelas costas de minha avó. Mas não posso oferecê-la, nem você pode aceitá-la. A *wiingaashk* não tem dono, ela pertence a si mesma. Então, em seu lugar, eu lhe ofereço uma trança de histórias, com o intuito de restabelecer nossa relação com o mundo. Fiz essa trança a partir de três mechas: os conhecimentos indígenas, o conhecimento científico e a história de uma cientista Anishinaabekwe que tenta reuni-los e colocar tudo a serviço do que há de mais importante no mundo. É um entrelaçamento da ciência, do espírito e das histórias, antigas e novas, que podem servir para restaurar nossa relação destroçada com a terra. Uma farmacopeia de histórias curativas, capazes de nos permitir imaginar uma relação diferente, na qual o povo e a terra sejam, mutuamente, boas medicinas.

Plantar a erva ancestral

A melhor maneira de plantar a *wiingaashk* não é enterrando a semente, mas colocando as raízes direto no solo. Assim, a planta é passada das mãos para a terra, ao longo de anos, de geração para geração. As campinas ensolaradas e bem irrigadas são seu *habitat* preferido. Ela prolifera mesmo em bordas erodidas.

Ataensic, a mulher que caiu do céu

No inverno, quando a terra verde descansa sob um manto de neve, é chegada a hora das histórias. Os contadores de histórias começam invocando os que vieram antes de nós e as transmitiram, pois somos apenas mensageiros. No início havia o Mundo do Céu.

Ela caiu como uma semente de ácer, o generoso bordo, dando piruetas sob a brisa do outono.* De onde antes só havia a escuridão, um raio de luz emanava de um buraco no Mundo do Céu e indicava seu caminho. Ela levou muito tempo para cair. Com medo, ou talvez esperança, apertava um feixe no punho cerrado.

Ao se precipitar, nada avistou lá embaixo senão a extensão de água escura. Contudo, nesse vazio, vários olhos se ergueram para ver a repentina luminosidade. Viram um objeto pequeno, uma diminuta partícula de pó no raio de luz. À medida que esse objeto se aproximava, puderam perceber que se tratava de uma mulher com os braços esticados, o cabelo negro comprido esvoaçante, e que descia em espiral na direção deles.

* Adaptado da tradição oral e de Shenandoah e George, 1988.

Os gansos menearam a cabeça um para o outro e saíram da água, numa onda de gracitar musical. A mulher sentiu o bater das asas quando voaram para amortizar sua queda. Distante do único mundo que conhecera, ela prendeu a respiração ao sentir o morno abraço de penas macias, enquanto era carregada com extrema delicadeza. E assim tudo começou.

Os gansos não podiam segurar a mulher acima da água por muito mais tempo, então convocaram um conselho para decidir qual providência tomar. Acomodada nas asas, a mulher viu todos se reunirem: mergulhões, lontras, cisnes, castores, peixes de todas as espécies. Uma grande tartaruga flutuava no centro das águas e lhe ofereceu as costas para repousar. Agradecida, ela desceu das asas dos gansos e subiu no domo do casco da tartaruga. Os outros animais compreenderam que ela precisava de terra para construir um lugar para si e discutiram como poderiam atender à necessidade da mulher. Alguns, capazes de mergulhar em maiores profundidades, já tinham ouvido falar da lama no fundo da água e concordaram em descer para buscar um pouco.

O Mergulhão foi o primeiro a imergir, mas a distância era demasiada e, muito tempo depois, apesar dos esforços, retornou à superfície sem trazer nada. Um a um, os outros animais prestaram ajuda — Lontra, Castor, Esturjão —, mas a profundidade, a escuridão e a pressão eram enormes, mesmo para o mais habilidoso dos nadadores. Voltaram todos ofegantes em busca de ar e com a cabeça latejando. Alguns nem sequer voltaram. Por último, restou apenas o pequeno Rato-almiscarado, o mergulhador mais fraquinho de todos. Ofereceu-se como voluntário, sob o olhar ressabiado dos outros. Suas perninhas se debateram enquanto tentava descer, e desapareceu por um longuíssimo tempo.

Os outros esperaram e esperaram pelo seu retorno, temendo que o pior tivesse acontecido com o irmão. Não demorou muito, o corpinho miúdo e inerte do Rato-almiscarado subiu num jorro de borbulhas. Ele dera a vida para ajudar a humana indefesa. E, então, os demais notaram sua patinha fechada com firmeza, e, quando a abriram, encontraram um punhadinho de terra do fundo das águas. A Tartaruga disse: “Ei, ponha nas minhas costas e eu cuido disso.”

Ataensic inclinou-se e espalhou a lama pelo casco da tartaruga. Como-vida com as extraordinárias dádivas dos animais, ela cantou em agradecimento e seus pés acariciaram a terra quando começou a dançar. E a terra foi aumentando e aumentando cada vez mais, enquanto ela dançava em sinal de gratidão, e foi se estendendo das costas da Tartaruga — e assim

surgiu a nossa terra. Ataensic não fora a única responsável pela formação dela, mas, sim, a alquimia de todas as dádivas dos animais, associada a sua profunda gratidão. Juntos, formaram o lugar hoje conhecido como Ilha da Tartaruga, nosso lar.

Como qualquer visita bem-educada, Ataensic não chegara com as mãos vazias. Ainda trazia o feixe. Quando caíra no buraco do Mundo do Céu, ela estendera a mão para se agarrar à Árvore da Vida que ali crescia e trouxera alguns de seus galhos, com frutos e sementes de todas as espécies de plantas. Então, as espalhou pela nova terra e, com extremo zelo, cuidou de cada uma, até que o mundo marrom se transformasse num mundo verde. A luz do sol passou através do buraco e propiciou a germinação das sementes. As gramíneas silvestres, as flores, as árvores e as plantas medicinais espalharam-se por toda parte. E assim, como os animais passaram a ter muito o que comer, muitos se mudaram para a Ilha da Tartaruga e foram viver com Ataensic.

De acordo com nossas histórias, a *wiingaashk*, ou *sweetgrass*, foi a primeira planta a brotar na terra. Sua fragrância nos traz a deliciosa lembrança da mão de Ataensic. Por isso, a ela foram conferidas honrarias, tornando-se uma das quatro plantas sagradas de meu povo. Inspire seu perfume e começará a se lembrar de coisas que sequer sabia estarem esquecidas. Nossos anciãos afirmam que as cerimônias são os meios de nos “lembrar de lembrar”, portanto, a *wiingaashk* é uma planta cerimonial poderosa e valorizada por muitas nações indígenas. Também é usada para a confecção de lindos cestos. Considerada tanto uma erva medicinal quanto membro da família, tem valor material e espiritual.

O ato de trançar o cabelo de quem se ama é uma demonstração de grande ternura. A gentileza e outros muitos sentimentos fluem entre quem trança e quem tem o cabelo trançado, ambos conectados pela trança. A *wiingaashk* ondula em fios, comprida e lustrosa como um cabelo longo recém-lavado. Por isso, ela é associada ao cabelo esvoaçante da Mãe Natureza. Quando trançamos a erva ancestral, estamos trançando o cabelo da Mãe Natureza, demonstrando-lhe nossa amorosa atenção, nossa preocupação com sua beleza e bem-estar e nossa gratidão por tudo o que nos oferece. Crianças que, desde o nascimento, ouvem a história de Ataensic, trazem nos ossos a responsabilidade que flui entre os seres humanos e a terra.

A história da jornada de Ataensic, de tão rica e fulgurante, me parece uma tigela profunda, de azul celestial, da qual eu poderia beber repetidas vezes. Contém nossas crenças, nossa história, nossos relacionamentos. Ao olhar para essa tigela estrelada, vejo imagens rodopiantes tão fluidas que passado e presente parecem ser uma única coisa. As imagens de Ataensic nos falam não apenas do lugar de onde todos viemos, mas também de como podemos prosseguir.

Em meu laboratório, tenho o quadro *Moment in Flight* [Momento em voo], de Bruce King, no qual ele retratou Ataensic. Flutuando em direção à Terra, com um punhado de sementes e flores, ela examina meus microscópios e registros de dados. Pode parecer uma justaposição bizarra, mas, para mim, ela pertence a esse lugar. Como escritora, cientista e transmissora da história de Ataensic, sento-me aos pés dos mentores mais velhos e escuto suas canções.

Às segundas, quartas e sextas, às 9h35, costumo estar num auditório da universidade, lecionando botânica e ecologia — tentando, em resumo, explicar a meus alunos como os jardins de Ataensic, conhecidos por alguns como “ecossistemas globais”, funcionam. Certa manhã, inicialmente corriqueira, fiz uma pesquisa com alunos da matéria Ecologia Geral. Entre outras coisas, pedi que classificassem seus conhecimentos quanto às interações negativas entre o ser humano e o meio ambiente. Quase sem exceção, os duzentos alunos afirmaram ter certeza de que o ser humano e a natureza não combinam. Esses alunos, do terceiro ano, haviam selecionado uma carreira voltada para a proteção ambiental; portanto, de certa maneira, a resposta não me causou grande surpresa. Eles tinham recebido bons treinamentos no que diz respeito à mecânica da mudança climática, às toxinas na terra e na água e à crise resultante do desaparecimento de *habitats*. Na pesquisa, eu também havia solicitado que classificassem seu conhecimento quanto às interações positivas entre o ser humano e a terra. Quase metade dos alunos respondeu: “Nenhuma.”

Fiquei abismada. Como é possível, em vinte anos de escolarização, não terem conseguido pensar em nenhuma relação benéfica entre o ser humano e o meio ambiente? Talvez os exemplos negativos, vistos todos os dias — áreas industriais contaminadas, pecuária industrial, alastramento urbano —,

tenham distorcido a capacidade deles de ver alguma vantagem na relação entre a raça humana e a terra. À medida que a terra empobrece, ocorre igual empobrecimento no alcance dessa visão. Quando conversamos a respeito do assunto, depois da aula, me dei conta de que eles não eram capazes nem de conceber como poderiam ser as relações benéficas entre a espécie à qual pertencem e as demais. Como podemos nos dedicar à sustentabilidade ecológica e cultural se não conseguimos imaginar o caminho a seguir? Se não podemos imaginar a generosidade dos gansos? Esses alunos não foram criados escutando a história de Ataensic.

De um lado do planeta, havia povos cuja relação com o mundo dos seres vivos fora configurada com base em Ataensic, a criadora de um jardim voltado para o bem-estar de todos. Do outro lado, outra mulher, também com um jardim e uma árvore. Mas, por provar o fruto da árvore, fora banida do próprio jardim, e os portões se fecharam com estardalhaço atrás dela. Essa mãe da humanidade foi obrigada a vagar pelo mundo selvagem e a ganhar o pão com o suor do próprio rosto, sem saborear os frutos doces e suculentos que curvam os galhos. Para comer, foi instruída a subjugar o lugar hostil que, desde então, fora a ela destinado.

Mesmas espécies, mesma terra, histórias diferentes. Como todas as histórias da Criação, a cosmologia é uma fonte de identidade e orientação para o mundo. Ela nos conta quem somos: seres inevitavelmente formados por elas, não importa quão distantes possam estar de nossa consciência. Uma história leva ao generoso abraço do mundo; a outra, à expulsão. Uma das mulheres é nossa jardineira ancestral e participou da criação deste mundo verde e generoso, futuro lar de seus descendentes. A outra, exilada, estava apenas de passagem num mundo estranho, em uma estrada acidentada, rumo a seu verdadeiro lar no Paraíso.

E, então, houve o encontro — a prole de Ataensic e os filhos de Eva —, e a terra em nosso entorno carrega as cicatrizes desse encontro, os ecos de nossas histórias. Segundo os descendentes de Eva, nem o Inferno conhece a fúria de uma mulher desprezada. Só posso imaginar a conversa entre Eva e Ataensic: “Irmã, você perdeu...”



A história de Ataensic, compartilhada pelos povos originários da região dos Grandes Lagos, é uma estrela permanente na constelação de ensinamentos conhecidos como Instruções Originais. Não são, contudo, “instruções” no sentido de mandamentos ou regras, funcionam como bússolas: fornecem orientações, mas não o mapa. A tarefa de cada um nesta vida é criar esse mapa para si mesmo. Seguir as Instruções Originais sempre será diferente para cada um de nós e em cada era.

Na sua época, o povo nativo de Ataensic vivia de acordo com sua interpretação das Instruções Originais, de acordo com os preceitos éticos que englobavam a caça respeitosa, a vida familiar, as cerimônias que faziam sentido naquele seu mundo. Essas medidas de cuidado podem não parecer adequadas no mundo urbano de hoje, no qual “verde” é um slogan publicitário, não uma campina. Os búfalos desapareceram e o mundo seguiu adiante. Não posso devolver os salmões aos rios, e caso eu colocasse fogo no meu quintal para produzir pasto para os alces, meus vizinhos acionariam o alarme.

A Terra era nova ao dar as boas-vindas ao primeiro ser humano. Agora ficou velha, e alguns suspeitam já termos esgotado sua boa vontade em nos acolher, por termos deixado as Instruções Originais de lado. Desde o princípio do mundo, as outras espécies foram botes salva-vidas para os humanos. Agora, precisamos inverter os papéis e ser o delas. Contudo, as histórias capazes de nos guiar, se é que ainda são contadas, vão se tornando vagas em nossa memória. Qual significado teriam hoje? Como podemos traduzir as histórias do princípio do mundo num momento tão mais perto de seu fim? A paisagem mudou, mas a história permanece viva. E, enquanto a repito um sem-número de vezes, Ataensic parece me fitar nos olhos e indagar o que lhe darei em retribuição pela dádiva de um mundo criado nas costas da Tartaruga.

Vale a pena recordar que a mulher original era, ela própria, uma imigrante. Caiu de seu lar no Mundo do Céu, um lugar muito longínquo, deixou para trás todos os que a conheciam e a amavam. Jamais poderia retornar. Desde 1492, quase todos aqui também são imigrantes. Talvez tenham chegado à ilha Ellis sem nem saber que a Ilha da Tartaruga se encontrava debaixo de seus pés. Alguns de meus ancestrais pertencem ao povo de Ataensic, e eu faço parte desse povo. Alguns de meus ancestrais também eram outro tipo de imigrantes: um era um comerciante de peles francês; outro, um carpinteiro irlandês; e outro, ainda, um dono de granja galês. E aqui estamos todos, na

Ilha da Tartaruga, tentando construir um lar. Suas histórias de chegadas com os bolsos vazios, sem trazer nada além da esperança, identificam-se com a de Ataensic. Ao chegar aqui, ela também não trazia nada além de um punhado de sementes e apenas uma instrução: “Usar seus dons e sonhos para fazer o bem.” As mesmas instruções que todos nós recebemos. De peito aberto, ela aceitou as dádivas dos outros seres e delas fez uso, sem nunca deixar de honrá-las, e compartilhou as dádivas trazidas do Mundo do Céu, ao se dedicar à tarefa de fazer o mundo florescer e construir um lar.

Talvez a história de Ataensic sobreviva; afinal, nós também estamos sempre caindo. Nossa vida, tanto a pessoal quanto a coletiva, partilha uma mesma trajetória. Quer pulemos, quer sejamos empurrados ou caso a borda do mundo que conhecemos simplesmente desmorone sob nossos pés, caímos, rodopiando e chegando a algum lugar novo e inesperado. Apesar do nosso medo de cair, as dádivas do mundo se erguem para nos amparar.

À medida que consideramos essas instruções, também cabe lembrar que Ataensic não veio sozinha para cá. Estava grávida. Ciente de que seus netos herdariam o mundo que ela lhes deixaria, não se dedicou à tarefa do florescimento visando a apenas sua época. Graças a suas ações de reciprocidade, ao dar à terra e dela receber, o imigrante original se tornou indígena. Para todos nós, tornar-se originário em relação a um lugar significa viver ciente da importância do futuro de nossos filhos, cuidar da terra como se nossa vida, tanto material quanto espiritual, disso dependesse.

Muitas vezes, ouvi a história de Ataensic ser mencionada como uma bobagem, um “folclore” pitoresco. Entretanto, mesmo quando mal interpretada, há força na narrativa. A maioria de meus alunos nunca ouvira a história da origem da terra onde nasceu. Contudo, quando lhes contei, surgiu um brilho em seus olhos. Será que eles podem, podemos todos, compreender a história de Ataensic não como um artefato do passado, mas como instruções para o futuro? Pode uma nação de imigrantes seguir mais uma vez seu exemplo para se tornar nativa, construir seu lar?

Veja o legado da pobre Eva ao ser exilada do Éden: a terra mostra os hematomas de um relacionamento abusivo. Não apenas a terra está destruída, mas, o que é pior, nossa relação com a terra. Como Gary Nabhan escreveu, não podemos estabelecer a cura e a restauração de modo significativo sem a “re-historiação”. Em outras palavras, nosso relacionamento com a terra não pode cicatrizar sem ouvirmos suas histórias. Mas quem as contará?

Na tradição ocidental, existe uma comprovada hierarquia dos seres, com os humanos, no topo, lógico — o ponto máximo da evolução, os queridinhos da Criação —, e as plantas no patamar mais baixo. Mas, nas formas originárias de conhecimento, os humanos são mencionados como “os irmãos mais novos da Criação”. Dizemos que o ser humano é quem tem menos experiência de como viver, logo, é quem mais tem a aprender — devemos procurar nossos professores de outras espécies em busca de orientação. A sabedoria das irmãs mais velhas é evidente pelo modo como vivem. Elas nos dão o exemplo. Vivem nesta terra há muito mais tempo do que nós, e tiveram tempo para ver como tudo funciona. Vivem tanto em cima quanto embaixo da superfície e unem o Mundo do Céu à terra. As plantas sabem como produzir alimentos e medicinas contando apenas com a luz e a água, e os concedem a outros seres.

Gosto de imaginar que, quando Ataensic espalhou o punhado de sementes pela Ilha da Tartaruga, estava plantando alimento para o corpo, bem como para a mente, a emoção e o espírito: estava nos deixando professores. As plantas podem nos contar suas histórias. Cabe a nós aprendermos a escutar.

Como botânica, Robin Wall Kimmerer aprendeu a analisar a natureza sob um olhar científico. Como integrante da Nação indígena Potawatomi, por outro lado, ela abraça a ideia de que as plantas e os animais são nossos professores mais antigos.

Em *A maravilhosa trama das coisas*, Kimmerer une essas duas vertentes de conhecimento para mostrar que o despertar de uma consciência ecológica mais ampla requer a celebração do relacionamento de reciprocidade entre os seres humanos e o resto do mundo vivo. Para entender a generosidade da terra e viver uma relação mais honrosa com ela, é preciso prestar atenção na natureza.

Mesmo que tenhamos esquecido como ouvir suas vozes, a autora mostra de que maneira outros seres vivos — morangos e abóboras, salamandras e algas, lírios e bordos — nos encham de presentes e lições. Assim, entre histórias sobre o início da humanidade e as forças que hoje ameaçam o florescimento da vida, ela explora a relação entre o ser humano e a terra, e como crescemos a partir dessa troca.

Entrelaçando a sabedoria das plantas, as tradições dos povos originários e as principais metodologias científicas ocidentais, *A maravilhosa trama das coisas* nos convida a viver uma cultura de gratidão: a agradecer as dádivas da terra e cuidar dela.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1266/>

